

obras

**ANTÓNIO
PATRÍCIO**

teatro completo



assírio e alvim

OBRAS DE ANTÓNIO PATRÍCIO (1878-1930)

- Serão Inquieto, 1910 (contos)
edição Assírio e Alvim em 1979
- Oceano, 1905 (poesia)
- Poesias, 1942 (ed. póstuma)
volumes incluídos em Poesia Completa
edição Assírio e Alvim, 1980
- O Fim, 1909 (teatro)
- Pedro o Cru, 1918 (teatro)
- Dinis e Isabel, 1919 (teatro)
- D. João e a Máscara, 1924 (teatro)
volumes incluídos nesta edição

© ASSÍRIO E ALVIM
COOPERATIVA EDITORA E LIVREIRA, CRL
RUA PASSOS MANUEL, 67-B — 1100 LISBOA

ILUSTRAÇÕES E CAPA DE ILDA DAVID

TIRAGEM: 3000 EXEMPLARES
EDIÇÃO 147
SETEMBRO DE 1982

obras
ANTÓNIO
PATRÍCIO

TEATRO COMPLETO



assirio e alvim

PEDRO O CRU

DRAMA EM 4 ACTOS

DRAMATIS PERSONÆ

Pedro o Cru, Rei de Portugal
O Infante D. João, seu filho
Afonso Madeira, escudeiro valido

Pêro Coelho

Álvaro Gonçalves

Martim, o bobo

Um Pastor Velho

Um Escudeiro

O Corregedor

O Astrólogo

O Bispo de Coimbra

O Bispo da Guarda

O Prior de Alcobaça

O Frade Velho

Mestre António, o imaginário

A Abadessa de Santa Clara de Coimbra

Primeira Freira

Segunda Freira

A Irmã Porteira

A Freira Velha

Fidalgos e donas, pajens, arautos, frades e freiras,
mendigos, moços de monte, etc.

O primeiro acto e o segundo em Coimbra,
o terceiro numa aldeia entre Coimbra e Alcobaça,
o quarto, em Alcobaça.

Século XIV

ACTO PRIMEIRO

O Paço de Coimbra. Noite. Uma sala de abóbada alta e fria. As tapeçarias das paredes estão comidas de sol, em gamas mortas. Ao fundo, duas janelas de poiais de pedra. Os vitrais dormitam na penumbra. A lareira sem lume, entre as janelas, tem ramos frescos de choupo e de salgueiro, que só podem aquecer num serão de almas. De cada lado, em argolas de ferro, arde um tocheiro. À esquerda, uma porta exterior, larga e baixa. À direita, uma porta interior. A sala não tem móveis: uma nudez de desconforto, lúgubre. Só ao pé da lareira há um escano rude, e esquecida no chão, uma viola.

Na cena, um instante em silêncio, estão dois pajens.

PRIMEIRO PAJEM

Há mais de uma hora que El-Rei anda na folgança.

SEGUNDO PAJEM

Ouvm-se ao longe, as longas. Ouves? (*Vai à janela. Escuta*) Ainda há pouco, vi reflexos de archotes no Mondego. Agora não se vêem...

PRIMEIRO PAJEM

El-Rei, estas noites, tarda mais, não tem descanso. Baila, baila, e com ele o povo todo. Nunca foi dado ao sono, mas agora parece querer afugentá-lo.

SEGUNDO PAJEM

E logo ao romper de alva, montaria. Toda a corte anda inquieta, estremunhada...

ANTÓNIO PATRÍCIO

PRIMEIRO PAJEM

Sabes o que se diz?

SEGUNDO PAJEM

Eu sei... eu sei...

PRIMEIRO PAJEM

E será certo?...

SEGUNDO PAJEM

Por o que vejo... Parece... Ainda esta madrugada, foram esculcas por todos os caminhos. A avença com o Rei de Castela...

PRIMEIRO PAJEM, *interrompendo*

Acreditas então que El-Rei perjure...

SEGUNDO PAJEM

São estes os rumores. Eu por mim...

PRIMEIRO PAJEM

Eu não. Não posso crer. El-Rei jurou, ainda infante, perdoar-lhes. Ouves bem? Jurou, jurou a seu pai, ao Rei Afonso.

SEGUNDO PAJEM

— Shut! Shut!... Eu por mim, não sei, não digo nada...

Vai espreitar às janelas, o outro segue-o.

SEGUNDO PAJEM

Já não vejo os archotes...

PRIMEIRO PAJEM

Nem eu.

SEGUNDO PAJEM, *depois de uma pausa*

Onde irá agora a folgança?... Ouves?...

PRIMEIRO PAJEM

Eu não. Não oiço nada.

SEGUNDO PAJEM, *mais baixo*

El-Rei é pai. Todo o povo o diz. El-Rei é pai... Mas já viste alguma vez que perdoasse?... A quem, vá, dize, a quem?...

PRIMEIRO PAJEM

El-Rei é bom, mas justiceiro.

SEGUNDO PAJEM

El-Rei é pai, mas duro no castigo. Vê tu o bispo, por dormir com uma mulher casada. Quando El-Rei soube, mandou-o chamar, fechou-se com ele numa câmara, e ali mesmo o desvestiu e açoitou, forçando-o a confessar o malefício.

PRIMEIRO PAJEM

Foi justo, acho eu, foi de justiça.

SEGUNDO PAJEM

E acreditas que El-Rei, El-Rei que é assim com grandes e pequenos, vá perdoar aos matadores de Inês de Castro, daquela que ele amou como nenhuma...

PRIMEIRO PAJEM

Se jurou a seu pai... Que queres que faça?...

SEGUNDO PAJEM

Pouco durará quem o não vir.

PRIMEIRO PAJEM

Sou eu que não duro se esta vida continua. El-Rei gostou sempre de andar de paço em paço. Mas agora é de mais. Não pára nunca. É estas salas, não sei que têm, põem-me tristonho. Quase todas vazias, sem conchego. Nem ali na lareira há boa lenha. (*Apontando*) Vês?... Ramos de choupo e de salgueiro, cortados de manhã, ainda com folhas... Que quer isto dizer? Tu sabes?... E a viola de Afonso ali no chão... (*Outro tom*) Se me deixassem!... Queria dormir, dormir dias sem conto.

SEGUNDO PAJEM

E logo ao romper de alva, montaria...

Ouvem-se distintamente as longas, num somido de prata e de saudade.

PRIMEIRO PAJEM

Ouves as longas? É ele. Vem já perto.

SEGUNDO PAJEM, *entrando a correr pela direita*

Lá vêm, lá vêm. Vêm a descer a rua, El-Rei à frente. Baila de roda, baila, baila sempre...

Ouvem-se de novo as longas. Vão a correr às janelas. Reflexos de archotes acordam os vitrais. Vozearia.

VOZES, *fora*

Viva El-Rei! Viva El-Rei! El-Rei é pai.

A VOZ DE PEDRO

Que entrem! Bailei sem descansar. Não pude ouvi-los.

Pela direita, entram dois pajens com archotes; e entre gente da corte abrindo alas, Pedro, Afonso Madeira, turba vária: moços de monte e pastores, mendigos mesmo. Pedro é alto e ruivo, espadaúdo, — uma esvelteza forte de monteiro. Tem uma barba «de rio», acobreada, feições afiladas, em arestas, e nos olhos castanhos, muito claros, o olhar ou é vago, quase de aura, ou é dominador, de juiz e rei. Traz suspenso da cinta um azorrague. Deixa-se cair no escano, extenuado.

PEDRO, *olhando em torno*

É tarde. Vá! Quem quer justiça?

UM VELHO. *É um pastor, vestido de estamena esfarrapada*

Eu, meu senhor.

Cai aos pés de Pedro, de joelhos.

PEDRO

Que tens tu? Estás meio-morto de cansaço, velho.

O VELHO

Vim também na folgança, meu senhor, e ia sempre a bailar com a morte na alma. Mas como vós me ouvis, estou já contente.

PEDRO

Levanta-te e dize. Conta ao que vieste.

O VELHO, aos haustos, como se a comoção o estrangulasse

Já, meu senhor. Pois foi assim. Eu era cabreiro. Vivía no monte com a minha filha e as minhas cabras. Passávamos por lá o ano todo. Vivíamos com Deus... muito felizes. Só três vezes descíamos à aldeia... No Natal... Na Páscoa e pelo Verão, na festa da Aparecida, que é em Agosto... Foi lá que António, o Cantador, viu minha filha. Cantou no adro loas à Senhora, mas cantava-as com os olhos postos nela... Foi assim que a perdeu... que a enfeitiçou... Nunca mais sosseguei desde esse dia. De mês a mês, por fim cada semana, António, o Cantador, subia ao monte. Ao ouvir-lhe as trovas, ela vinha aos atalhos ter com ele. E o que tinha de suceder lá sucedeu... Um entardecer, ao entrar, não achei ninguém. Ele viera por ela. Fiquei só. Vivi no monte aquele Inverno ralado de saudade a mã-las cabras... Mas foi pelo Natal, no povoado, que eu vi bem a desgraça, cara a cara...

PEDRO

Anda... dize depressa.

O VELHO

António, o Cantador, cantava trovas a outra... já a esquecera. E sozinha no mundo — a minha filha! — dava-se aos vagabundos nos caminhos...

PEDRO. *Levanta-se: uma mão contracturada no azor-
raque*

E onde é a tua aldeia?...

O VELHO

É na Mortágua. *(Erguendo as mãos)* Por Deus, meu senhor, ouvi ainda... Um gafo que fugiu da gafaria roussou-a e apegou-lhe o mal... A minha filha agora é uma chaga... E era a bênção de Deus feita mulher!... Faz-me medo — a mim que a trouxe ao colo... Não tem dedos dos pés... Caminha em cotos. Voltou assim à aldeia e apedrejaram-na. E quando eu a conheci — foi por a voz — entre os malvados, a atirar-lhe pedras, lá estava ele, o Cantador maldito, *(Rompe em soluços)* a apontar-me com chascos e a rir-se... de mim e dela... a rir... a rir-se dela... E com uma voz de cortar o coração, ela chamava-o ainda pelo nome...

PEDRO, *com a voz presa, um rir feroz*

Hé!... Hé... Prepara alvissaras. Palavra do teu Rei. Está sossegado. Eu mesmo hei-de encontrá-lo... e hei-de levar-to duma galopada, amarrado à cauda da minha égua... *(O velho ajoelha, beija-lhe as mãos)* Sim... Sim... Prepara alvissaras. Foi com trovas que enfeitiçou a tua filha?... Descansa. Hemos de cortar-lhe a língua rente... a ver como ele grunhe, o Cantador!... *(Levanta o velho pelos ombros. Junto dele)* Descansa, descansa. Seremos ambos nós os seus carrascos.

O VELHO, *lavado em lágrimas, sorrindo*

El-Rei é pai... El-Rei é pai...

PEDRO

Podes ir em paz. Vai sossegado. *(Ao corregedor)* Ouviste?... Não é agora tempo. Falaremos. Tu mesmo amanhã me lembrarás. *(A turba sai. Ficam alguns da corte)* Já tendes poucas horas para dormir. Ide, ide todos. Até que as trompas chamem. Dormi bem. Quero-vos ver como falcões, no monte.

Ficam Afonso e Pedro. Os outros saem.

AFONSO, *depois de olhar Pedro alguns instantes*

Se dormísseis um pouco, meu senhor?

PEDRO

Quero antes ouvir-te. Abre a janela e trova, trova muito. Aqui ninguém nos ouve. Faz-me bem.

Estende-se no escano, fica imóvel. Afonso abre a janela, ergue a viola, e deita-se no chão aos pés de Pedro. Entra uma aragem, como um gesto da noite adormecida.

AFONSO, *a meia voz, ferindo as cordas*

Sou teu, tu és minha.
Quem morre não parte;
Nem Deus nem a Morte
Puderam levar-te.

PEDRO, *depois de um silêncio*

Como tu me falas dela, Afonso!... Só a tua voz e os olhos dos meus galgos, nas manhãs de montaria, ao luzir de alva, vêm falar-me de Inês, do meu amor... Na tua voz há ecos da voz dela... nos olhos deles, — não sei